

ONTEM E HOJE: A FAIXA DE PRAIA DA CIDADE DO RECIFE-PE, BRASIL

YESTERDAY AND TODAY: THE BEACH STRIP IN THE CITY OF RECIFE-PE, BRAZIL

Stela Gláucia Alves Barthelⁱ

Resumo: Este artigo aborda a Faixa de Praia da cidade do Recife, formada inicialmente pelos bairros de Pina e Boa Viagem. Área de robustos investimentos em infraestrutura, desde que a mesma foi incorporada à malha urbana da cidade e deu início à expansão em direção à Região Sul, iniciada a partir da segunda década do século XX. O processo de verticalização do bairro de Boa Viagem, que era um local de veraneio, teve início nos anos 50 enquanto o Pina permaneceu ocupado pela população de baixa renda. Depois, entre os anos 60 e 70, Boa Viagem se consolidou como local de moradia, com o desenvolvimento do comércio e a substituição das antigas casas de veraneio por edifícios mistos e multifamiliares e a perda de edifícios importantes para a memória e a identidade locais. Apenas cinco imóveis na Faixa de Praia têm proteção. A abordagem arqueológica permite ver estes antigos edifícios como vestígios de uma sociedade passada, que chegou aos dias atuais e que deveria ser preservada.

Palavras-Chave: Arquitetura. Preservação. Arqueologia.

Abstract: This article addresses the Beach Strip of the city of Recife, initially formed by the neighborhoods of Pina and Boa Viagem. An area of robust investment in infrastructure, since it was incorporated into the urban fabric of the city and began the expansion towards the South Region, which started in the second decade of the 20th century. The process of verticalization of the Boa Viagem neighborhood, that was a summer place, started in the 50s, while Pina remained occupied by the low-income population. Then, between the 60s and 70s, Boa Viagem established itself as a place of residence, with the development of commerce and replacement of old summer houses by mixed and multifamily buildings and the loss of some important ones to local memory and identity. Only five properties on the Beach Strip have protection. The archaeological approach allows us to see these ancient buildings as traces of a past society, which has reached the present days and should be preserved. **Keywords:** Architecture. Preservation. Archaeology.

ⁱ Professora aposentada da Faculdade Damas de Instrução Cristã, curso de Arquitetura e Urbanismo e da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA, curso de Arquitetura e Urbanismo.

Introdução

Até meados do século XIX as famílias do Recife veraneavam em arrabaldes nas margens dos rios, como o Capibaribe, onde havia banheiros públicos para isto, fato descrito em vários livros e romances da época, a exemplo de *A emparedada da Rua Nova* (Carneiro Vilela, 1984).

Os banhos de mar entraram na moda no início da década de 1840, como prescrição médica em associação com terapias medicinais. Os balneários eram locais de “cura, recreio, repouso e convívio social” (Araújo, 2007, p. 15).

Em 1887, começou a funcionar a Casa de Banhos, com o nome de *Grande Estabelecimento Balneário de Pernambuco* (Cavalcanti, 2013, p. 49), uma estrutura com três piscinas, banheiros, salões para leitura e restaurante, aluguel de roupas e traslado de barcos até o local, que ficava onde hoje se localiza o Pernambuco late Clube, no dique natural em frente ao Bairro do Recife. O proprietário morava no local. Frequentada pela elite pernambucana, o ingresso era pago, embora mais tarde houvesse uma concessão para os doentes da Santa Casa de Misericórdia, que precisassem dos banhos como terapia (Lei nº. 379, 1899). Passou por um incêndio em 1924 e a população perdeu o interesse, quando as obras na Faixa de Praia já haviam começado (Araújo, 2007).

A praia de Boa Viagem passou a ser procurada para os banhos de mar quando em 1858 começou a funcionar uma ferrovia que ligava o Recife ao Cabo de Santo Agostinho, partindo da Estação das Cinco Pontas. Havia uma pequena estação de trem na Estrada de Boa Viagem (Acervo Arquetônico Saturnino de Brito-AASB, 2010). Diariamente, três trens faziam este percurso. Em 1895 foram colocados pela Companhia Ferrocarril de Pernambuco um bonde de burro e um trole (tablado de madeira sobre rodas, que é impelido sobre os trilhos com o auxílio de varas), para fazer a ligação entre a Estação de Boa Viagem e a Praça da Igreja de Boa Viagem, levando os banhistas. Durante o inverno isto se reduzia a duas viagens por dia e só aos domingos (Jucá, 1979).

Já no início do século XX, para os habitantes do Recife havia três opções para tomar banho de mar. A preferência era pelas praias de Olinda, de fácil acesso, pois havia o bonde elétrico, que substituiu o bonde a vapor a partir de 1914. Há uma crônica intitulada *Banhos de mar* (Lispector, 1984) onde a autora ucraniana que morou no Recife quando era criança, entre 1925 e 1934,

contava o passeio de bonde de madrugada, para tomar banho de mar em Olinda, antes do nascer do sol e em jejum, pois seu pai julgava que isto fazia bem para a saúde.

As outras opções eram fazer a travessia de barco a partir do bairro do Cabanga para o Pina ou enfrentar uma caminhada de um quilômetro e meio pelo percurso que hoje é a Rua Barão de Souza Leão, desde a pequena estação de trem (Figura 1) até a Praça da Igreja de Boa Viagem (Barthel, 1989). A Estação funcionou até 1997, quando foi desativada e em 2003 foi parcialmente destruída para a construção da Estação de Metrô do Recife–Metrorec. As ruínas ficam em frente ao Aeroporto Internacional do Recife-Guararapes/Gilberto Freyre, ao lado do viaduto que dá acesso a ele, cobertas pela vegetação (Cardoso, 2011).



Figura 1: Antiga estação de trem de Boa Viagem. Fonte: Recife de Antigamente, s/d.

As duas praias, Pina e Boa Viagem, possuíam alguns pontos em desvantagem a Olinda: eram desertas, os locais mais afastados da cidade, consideradas zonas rurais. Só a partir de 1953 a área compreendida entre a antiga Avenida Beira-mar e a Avenida Conselheiro Aguiar foi considerada zona urbana (Barthel, 1989). Brasília Teimosa, fruto de um aterro que começou a ser feito em 1934 com material proveniente da dragagem da Coroa dos Passarinhos, que ficava próxima a Bacia do Pina (Jornal Zona Sul, 1974), ainda não existia.

A Faixa de Praia incorporada à cidade

A intervenção urbana iniciada na área da Faixa de Praia era tão importante que não foi um empreendimento levado a cabo pela Prefeitura, mas pelo governo do estado de Pernambuco, por causa dos investimentos em infraestrutura tais como uma ponte, vias, trilhos de bonde, rede

de iluminação elétrica, rede de telefonia, água e esgotos e a retificação do rio Jordão. O governador Sérgio Lorêto (1922-1926) ligou a Faixa de Praia à cidade, dando início a um processo de expansão em direção ao Sul (Barthel, 1989).

Todo o espaço da praia de Boa Viagem foi destinado ao veraneio, nos moldes do que foi a praia de Copacabana para o Rio de Janeiro, no início do século XX. Casas grandes e de dois pavimentos foram construídas pela população abastada, enquanto a mão de obra disponível para dar suporte a isto vinha do Pina. As primeiras obras inauguradas em 1924 foram a Ponte do Pina (Figura 2 A), chamada na época de Ponte do Saneamento, por causa da Estação de Tratamento de Esgotos no bairro do Cabanga, a antiga Avenida Ligação, atual Avenida Herculano Bandeira (Figura 2B) e a antiga Avenida Beira-mar (Figura 3), atual Avenida Boa Viagem.



A



B

Figuras 2: A. Ponte do Pina; B. Antiga Avenida Ligação. Fonte: Recife de Antigamente, s/d.



Figura 3: Obras na antiga Avenida Beira-mar. Fonte: www.plubambo.blogspot.com, s/d.

Em 1926 o conjunto de obras estava pronto e foi colocado um obelisco de granito na Praça da Igreja de Boa Viagem, para assinalar o evento, com uma placa. O conjunto da Praça (Figura 4A), com a Igreja Matriz da Paróquia de Boa Viagem (Figura 4B), do obelisco (Figura 5 A e B) e de uma antiga casa (Figura 6A), que hoje é o Restaurante Ilha Sertaneja (Figura 6B), na Rua Dr. Nilo Dornelas Câmara, número 16, foi tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe, 1994). Este é o único tombamento estadual na Faixa de Praia.



A



B

Figura 4: A. Conjunto da Praça. Fonte: Prefeitura do Recife; B. Igreja. Fonte: Stela Barthel, 2024.



A



B

Figuras 5: A. Obelisco e; B. Placa no Obelisco. Fonte: Stela Barthel, 2024.



A



B

Figura 6: A.Casa nº. 16. Fonte: Recife de Antigamente fotografia de Alcir Lacerda, anos 60; B. Restaurante. Fonte: S. Barthel, 2024.

Os outros edifícios protegidos municipalmente na Faixa de Praia dentro da Lei dos Imóveis Especiais de Preservação-IEPs (1997) eram apenas quatro: o Castelinho, o Cassino Americano, o Edifício Califórnia e o Edifício Acaiaca. Recentemente o Edifício Oceania foi incluído na lista, em agosto de 2024. A lei estabelece as condições de preservação e permite que se construa no terreno remanescente do edifício, desde que sejam mantidas as características originais do imóvel, que deve ter um uso incorporado ao empreendimento, além da isenção do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e da possibilidade de transferência do direito de construir (TDC), nos casos em que a preservação do imóvel impeça a utilização do coeficiente de aproveitamento básico do lote onde o edifício se encontra.

A Faixa de Praia hoje

O Parque dos Manguezais (Figura 7) foi criado através da Lei de Uso e Ocupação do Solo (Luos) (1996). Sua regulamentação ocorreu em 2010. É uma Zona Especial de Proteção Ambiental (Zepa), com 320,34 ha, cortada pelos rios Jordão e Pina e envolve os bairros do Pina, Boa Viagem e Imbiribeira. Trata-se da maior reserva de mangue em área urbana da América. Pertence à Marinha do Brasil e inclui os edifícios da antiga Estação Rádio Pina, ocupada na época da Segunda Guerra Mundial pela Marinha americana, que foi extinta em 1994.

A Via Mangue, inaugurada em 2016, modificou o trânsito na área. Ela faz a ligação entre o bairro do Pina e de Boa Viagem, através da construção de dois viadutos, oito pontes, a alça de ligação e o túnel Josué de Castro, no Pina. Para tanto, houve a reintegração de posse do terreno onde funcionava o antigo Aeroclube de Pernambuco, um dos marcos do bairro do Pina.

A Faixa de Praia é hoje objeto de uma série de investimentos, como o Projeto Orla Parque, com extensão de aproximadamente 11 km, que inclui o Parque das Esculturas Francisco Brennand, com o objetivo de integrar as três praias em um parque linear. Estão previstos o aumento de vegetação, iluminação, ciclovia, novos banheiros, substituição das calçadas, mudanças no trânsito e melhorias na segurança, além de construções para um polo gastronômico, práticas esportivas e mirante. A primeira etapa foi concluída em 2023, com a entrega dos sessenta novos quiosques em toda a orla (www.g1.globo.com/pe/pernambuco).

No local onde funcionou o Aeroclube de Pernambuco, dois empreendimentos estão sendo construídos: os Conjuntos Habitacionais Encanta Moça I e II, com seiscentos apartamentos de

45,00 m², destinados à população que foi retirada das palafitas do Pina e o Parque Governador Eduardo Campos, que deve ser o maior parque da cidade do Recife.



Figura 7: Via Mangue e Parque dos Manguezais. Fonte: Ana Araújo, 2023.

O bairro do Pina ontem e hoje

O Pina possuía várias ilhas, que foram sendo sistematicamente aterradas ao longo dos anos: Barreta, Cabras, Bode, Raposa e Felipe (Alves, 2009). A maior favela do Recife estava localizada no Bode, que ainda hoje apresenta palafitas. Na Raposa está a Estação Rádio Pina, da Marinha americana (Figura 8). No Felipe, local da antiga Fábrica Bacardi entre 1961 e 1996 (Figura 9A), localiza-se desde 2012 o Shopping Riomar (Figura 9B).



Figura 8: Estação Rádio Pina. Fotografia de Cláudia Moema Alves. Fonte: Barthel, 1989, p. 92.



Figuras 9: A. Fábrica Bacardi; B. Shopping Riomar. Fonte: www.blogmobilidadeetransporte.com.

O nome atual vem dos antigos proprietários da ilha, Capitão André Gomes Pina e seu irmão Francisco Thaide Pina, de apelido Cheira-dinheiro, judeus que comercializavam com açúcar, na segunda metade do século XVI. Depois passou a ser a Ilha do Nogueira, por causa de outro proprietário, Antônio Nogueira de Figueiredo (Pereira, 2008). Era habitada por pescadores, que ocupavam as margens dos mangues.

Em 1850, após um surto de febre amarela na cidade e altas taxas de mortalidade em todo o estado de Pernambuco, causadas por várias doenças infectocontagiosas, foi construído um hospital provisório no Pina, que funcionou por pouco tempo, sendo desativado em 1854, tendo abrigado também mendigos e retirantes fugidos das secas. No local foi construído outro hospital, o Lazareto, para os doentes de hanseníase (lepra). Alguns autores divergem sobre a data de construção: 1854 ou 1858 (Fortin, 1987; Costa, 1971).

Foi inaugurada a Estação de Tratamento de Esgotos no bairro do Cabanga, com o trabalho de saneamento da cidade do Recife levado a cabo por Saturnino de Brito e equipe, entre 1910 e 1915. Os dejetos eram despejados no mar, em frente onde depois foi construído o Cassino (Carvalho *et. alii*, 2010). Havia ainda a oficina de bondes, onde se faziam consertos e um pequeno estaleiro, para a construção de barcos. A colônia de pescadores Z1, que ainda hoje existe, se transferiu em 1937 para o Areal Novo, atual Brasília Teimosa, quando o local começou a ser aterrado.

Ao mesmo tempo ocorria o fenômeno das invasões, com aterros feitos pela população de baixa renda em áreas de mangue. Havia mocambos não só no Pina (Figura 10), mas em vários pontos da cidade, cerca de 80.000 (Freyre, 1933, p. 56). Na época se usava a grafia “mucambos”. Estes depois foram alvo da Liga Social contra o Mocambo, criada em 1939 com o propósito da extinção dos mesmos e construção de casas populares.

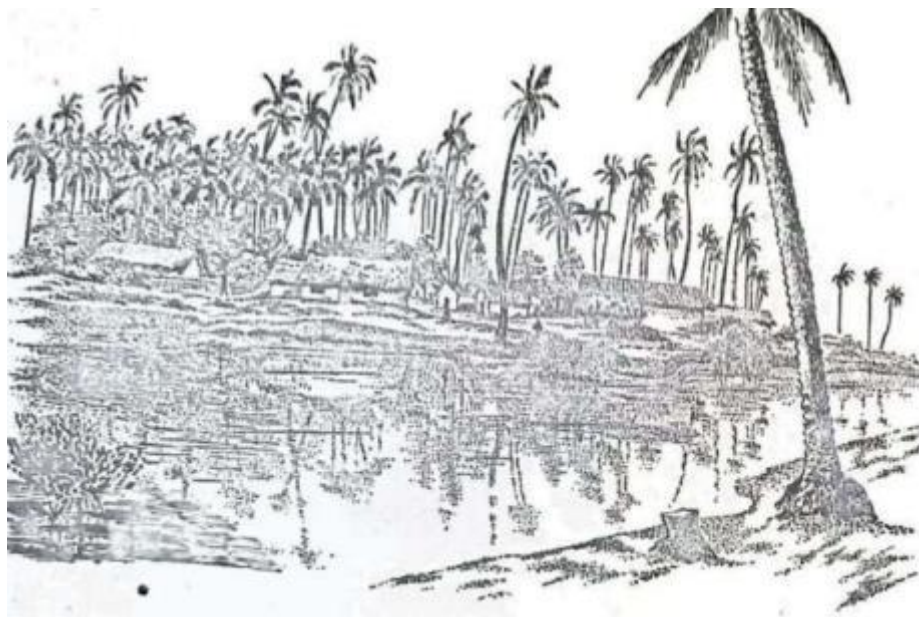


Figura 10: Mocambos no Pina, pintura de Luís Jasmim. Fonte: Freyre, 1961: 107.

O Cassino Americano (Figura 11) foi um dos primeiros edifícios construídos na década de 1920, inicialmente em madeira, remodelado em 1944 em estilo *Art Déco*. Era propriedade do Sr. Amin Mamede Faran, onde havia danças, jogos e máquinas caça-níqueis, permitidas na época e era frequentado pelos fuzileiros navais americanos, o que atraía a prostituição para o bairro do Pina (Pereira 2008). Surgiram vários cabarés durante os anos 1950, o que contribuía para que a área tivesse o valor dos terrenos diminuídos, mas ainda assim, alvo da especulação imobiliária (Alves, 2009).

O AASB (2010) refere-se a ele como Bar Americano, mas era também conhecido como o Cassino do Pina, servindo como hospital e alojamento, cedido durante a Segunda Guerra Mundial ao Comando da 4ª. Frota Naval americana, cujo quartel general funcionava no Edifício Sulacap, na Avenida Guararapes. Nos últimos anos, abrigou um restaurante, mas atualmente, se encontra fechado e em reforma. O terreno em volta é alugado para shows, circos e eventos. Faz parte da lista dos Imóveis Especiais de Preservação-IEPs, imóvel de número 113, localizado na Avenida Boa Viagem, número 97. Este era até então o único edifício preservado ao nível municipal no bairro do Pina.



Figura 11: Cassino Americano. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O Edifício Caiçara (Figura 12A), construído em 1940, tinha três pavimentos. Situava-se na Avenida Boa Viagem, número 888. A luta pela sua preservação teve início em 2011. Pareceres técnicos da Prefeitura alegavam que o imóvel não possuía valores que justificassem o tombamento. O Mestrado em Desenvolvimento Urbano-MDU da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), junto ao Vereador Augusto Carreras, solicitou a sua inclusão na lista dos IEPs, o que foi negado. Houve uma mobilização social, que conseguiu adiar o processo até 2013, quando foi demolido parcialmente (Figura 12B) e totalmente em 2016 (Guione, 2016).



Figura 12: A. Edifício Caiçara. Fonte: Guione, 2016; B. Demolição. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O livro *Obituario Arquitetônico: Pernambuco Modernista* (Amorim, 2007) traz um levantamento do que já se perdeu em termos de obras (no caso, edifícios Modernistas) e da identidade e memória dos lugares que as abrigavam, perdas que ele compara a mortes, causadas às vezes

por descaracterização, às vezes por demolição, às vezes pelo abandono, mas também causadas pelas substituições, em nome do progresso ou de demandas do mercado imobiliário. O Edifício Caiçara foi substituído pelo Edifício Alberto Ferreira da Costa e o número trocou para 882 (Figura 13A). São trinta andares e apartamentos de alto padrão. Ele se encontra ao lado e próximo de outros com a mesma tipologia (Figura 13B) e a antiga paisagem, formada por casas e pequenos e médios edifícios, foi completamente modificada.



Figuras 13: A. Edifício nº. 882 e; B. Av. Boa Viagem. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O Edifício Oceania (Figura 14), cenário do filme *Aquarius*, de 2016, do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho, fez parte da lista de dez imóveis que estavam sendo avaliados para se tornarem IEPs e entrou na relação em agosto de 2024. Localiza-se na Avenida Boa Viagem, antiga Avenida Beira-mar, número 560. A temática do filme era a luta da moradora para preservar seu apartamento, o último que faltava ser vendido para uma construtora. Ele foi construído em 1953. São três blocos com dezoito apartamentos, distribuídos em três pavimentos. A Rua Alcides Carneiro Leal, esquina com a Avenida Boa Viagem, é onde fica a entrada para a garagem e um dos blocos. Em um dos apartamentos, funciona um restaurante, *Tasquinha do Tio*.

No início da década de 1940, o Aeroclub de Pernambuco (Figura 15) ocupou uma área de 16,5 hectares, que havia sido aterrada pelo estado, em ilha formada pelos braços do Rio Pina, na Rua Tomé Gibson, s/n. Fundado na década de 1930, tinha funcionado antes no Campo de Pouso do Ibura. Era um centro de formação de pilotos. Na década de 1980, funcionava um Cine *Drive-in*. Em 2013 foi desativado para a construção da Via Mangue, com a retirada das aeronaves do local e o terreno ficou abandonado. Provisoriamente, as aeronaves utilizaram um antigo hangar no

Aeroporto Internacional dos Guararapes e uma pista de pouso foi cedida. Foi transferido para Cruz de Rebouças, em Igarassu, onde retomou as atividades em 2014.



Figura 14: Edifício Oceania. Fonte: Stela Barthel, 2024.

No ano de 2004, eles eram dezesseis (Souza, 2004). Havia cinco deles no Pina e onze em Boa Viagem e a distância média entre eles era de 500,00 m, mas estavam distribuídos desigualmente (Figura 16).



Figura 15: Aeroclube de Pernambuco. Fonte: Recife de Antigamente.



Figura 16: Localização dos Postos salva-vidas. Fonte: Souza, 2004, p. 31.

Hoje eles são apenas seis, dois deles no Pina (Postos 2 e 5, Figuras 17A e B) e quatro em Boa Viagem (Postos 7, 10, 12 e 14) e estão em estado ruim de conservação e descaracterizados, após intervenções com grafite, a primeira em 2015, quando foram retiradas as escadas e os guarda-corpos e última em 2021, feita pelo Projeto Salva Arte, com elementos da cultura pernambucana. Novos postos salva-vidas foram implantados em toda a orla, a partir de 2013.

Através de um requerimento (2023), o Gabinete da Vereadora Cida Pedrosa solicitou a inclusão dos antigos postos salva-vidas da Faixa da Praia na Lista dos IEPs. Justifica-se a importância que os mesmos tiveram na formação da identidade do local como um balneário e na memória afetiva dos moradores e visitantes.



Figura 17: A. Postos nº. 2 e; B. nº. 5, Pina. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O Maxime (Figura 18A) era o bar mais antigo do Pina e era a única construção em madeira da beira-mar. Ele foi demolido em 2022. Por muitos anos, foi restaurante, ponto turístico conhecido, especializado em frutos do mar, depois se transformou em bar e por último o nome era Boteco Maxime. O endereço era Avenida Herculano Bandeira, número 21. No local hoje encontra-se o restaurante Tatu Bola (Figura 18B), que mantém a numeração.



Figura 18: A. Maxime. Fonte: www.temperesuaviagem.com.br; B. Tatu Bola. Fonte: S. Barthel, 2024.

Poucas casas ainda resistem aos avanços do mercado imobiliário, na atual beira-mar da Avenida Boa Viagem. No Pina há duas casas, lado a lado, do mesmo proprietário (DP, 2018). Uma em estilo Modernista (Figura 19A), número 62, era uma casa térrea, construída em 1940, que foi reformada e inclui uma garagem subterrânea e a outra em estilo *Art Déco* (Figura 19B), atual número 52, tinha o número 60 no AASB (2010) e foi construída em 1939. Elas estão praticamente espremidas entre os altos edifícios.



Figura 19: A. Casa Modernista e; B. Casa Art Déco. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O bairro de Boa Viagem ontem e hoje

O povoado que originou Boa Viagem vem desde o século XVII. Fazia parte da propriedade conhecida como Barreta, que ia desde o Pina até a praia de Candeias, no município de Jaboatão dos Guararapes. Servia como pastagem para o gado. No povoado havia uma leiteria e pequenas vendas. No século XVIII, foi feita uma doação de terras por Baltazar da Costa Passos para o padre Leandro Camelo, que ergueu a igreja em homenagem a Nossa Senhora da Boa Viagem. O padre Luís Marques Teixeira, que dá nome a uma das ruas do bairro, fez também doações de terra e outras terras foram doadas, onde morava Manoel Fernandes Setúbal, que deu nome à localidade Setúbal, um sub-bairro dentro do bairro de Boa Viagem (Duarte, 1979).

Já no século XX, com as obras na Faixa de Praia, começaram a circular em 1925 os bondes elétricos da Pernambuco Tramways & Power Company Limited, que ligavam a praia ao centro da cidade. Esse foi o momento em que a especulação imobiliária começou (Fortin, 1987).

Os loteamentos foram vários durante a década de 1930 (Figura 20) e se intensificaram durante a década de 1940. Nota-se na foto antiga a concentração de ocupação próxima da praia e a presença dos coqueirais. O local preferido para as construções das casas das famílias abastadas do Recife e de outros países era o Terminal de Boa Viagem e os Jardins (Figuras 21 A e B). Havia anúncios publicados em inglês e francês no Recife, oferecendo terrenos. A irmandade da igreja de Boa Viagem começou a lotear as suas terras na área conhecida como Setúbal (Alves, 2009).



Figura 20: Boa Viagem na década de 1930. Fonte: Fundaj, s/d.



A



B

BFigura 21: A e B. Antiga Avenida Beira-mar. Fonte: Recife de Antigamente, s/d.

Antes mesmo de Boa Viagem ser incorporada à cidade, a residência conhecida ainda hoje como Castelinho (Figura 22A) já existia, em estilo Eclético. Foi construída entre 1909 e 1918 por dois engenheiros franceses, que participaram das obras de remodelação do Porto do Recife (DP, 2012). A pedra utilizada é a mesma das obras do Porto, transportada de trem. Pertenceu à família do artista plástico pernambucano Lula Cardoso Ayres, era do usineiro João Cardoso Ayres (Campêlo, 2018) e depois à família Bezerra de Melo. Já foi restaurante e hotel e hoje serve como área de lazer e eventos ao condomínio dos edifícios Castelinho e Castelo del mar, na Avenida Boa Viagem, nº. 4.530 (Figura 22B). Faz parte da lista dos IEPs, é o imóvel de número 112.



Figura 22: A. Castelinho. Foto dos anos 30, de Maria Haller-Williams Fonte: Recife de Antigamente; B. Castelinho. Fonte: S. Barthel, 2024.

Os postos salva-vidas são apenas quatro em Boa Viagem (Postos 7, 10, 12 e 14) e assim como os outros dois do Pina, se encontram descaracterizados e em estado ruim de conservação (Figura 23A, B, C e D).

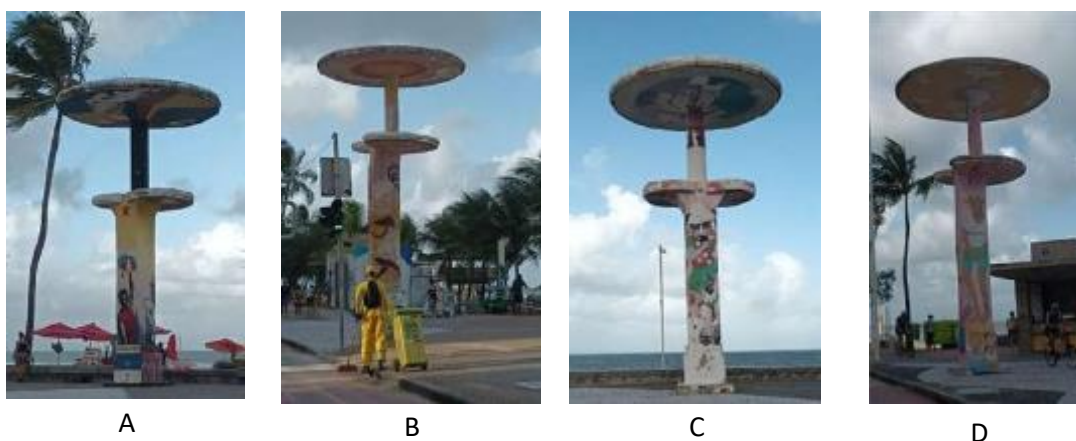


Figura 23: A. Posto 7; B. Posto 10, C. Posto 12 e D. Posto 14. Fonte: Stela Barthel, 2024.

Na época da Segunda Guerra Mundial e por causa da proximidade com o Campo de Pouso do Ibura, foram construídas vilas militares da Força Aérea Brasileira, em terrenos doados ao Ministério da Aeronáutica pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, em Boa Viagem, na área conhecida como Setúbal. Uma delas na antiga Avenida Beira-mar, para oficiais, atual Vila Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso. No local onde hoje encontra-se o Parque Dona Lindu, ficava a antiga Vila dos Oficiais, conhecida como Coreia e demolida nos anos 70. O terreno ficou fechado e chegou a ser invadido (Barthel, 1989). O Parque foi projeto do arquiteto Oscar Niemeyer e foi inaugurado em 2011. Na Avenida Armindo Moura, encontra-se a Vila Brigadeiro Ivo Borges, para sargentos e suboficiais. As duas vilas são existentes e próximas. Existia outra vila para sargentos e suboficiais em Boa Viagem, próxima do Aeroporto, mas foi desativada. As casas localizadas

entre as ruas Vinte de Janeiro, Vinte e três de outubro, Barão de Souza Leão e Tenente Aurélio Sampaio, algumas delas com elementos do estilo *Art Déco*, estão praticamente destruídas (Barthel, 2015). Há ainda o Edifício Charles Astor, na Rua dos Navegantes, nº. 2.550, com vinte e dois apartamentos para oficiais. Há casas para cabos e taifeiros nos bairros do Ibura e Imbiribeira, ruas Brigadeiro Alves Secco e Pintor Lula Cardoso Ayres.

Um dos postos salva-vidas que ficava em frente à Vila Militar dos Oficiais foi demolido e tinha a tipologia diferente dos demais (Figura 24), mas semelhante aos que existiam na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro.



Figura 24: Posto Salva-vidas. Fonte: Barthel, 2015, p. 121.

As residências na Vila Militar são casas térreas, construídas na década de 1940 (Figura 25). No local existe o antigo Cine Brigadeiro Coelho (Figura 26 A), atual Capela de Nossa Senhora do Lorêto, padroeira da aviação (Figura 26 B), em formato de hangar e em concreto armado, construído em 1950, em funcionamento entre as décadas de 1960 e 1970. O clube das águias,

para Oficiais, fica ao lado (Figura 27). As modificações na área incluem um edifício de dez andares e vários edifícios de apartamentos, com três andares, mais recentes.



Figura 25: Casas térreas e edifícios de três andares na Vila Militar. Fonte: Stela Barthel, 2024.



Figura 26: A. Construção do Cinema. Fonte: Const. Dalla Nora; B. Capela. Fonte: S. Barthel, 2024



Figura 27: Clube dos Oficiais. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O Edifício Brigadeiro Eduardo Gomes (Figura 28), com dez pavimentos, ocupa a área onde funcionava antigamente o Clube dos sargentos e suboficiais da Aeronáutica, transferido para a Rua Arthur Bruno Schwambach, 695.

Cinco casas de dois pavimentos foram construídas em 1943 para militares de patentes mais elevadas, na antiga Avenida Beira-mar (AASB, 2010 e DP, 2018). São os números 2.144 (FiguraA),

2.198 (Figura 29B), 2.388 (Figura 30A), 2.870 (Figura 30B) e 4.224 (Figura 31A), esta última conhecida como a Casa do Brigadeiro, residência do Brigadeiro Eduardo Gomes, um dos marcos do bairro de Boa Viagem e que já foi cogitada para se transformar no Museu da Aeronáutica. Esta residência destina-se a Oficiais Generais (DIRAD, 2023). A casa de número 4.440 (Figura 31 B), que fica próxima à Casa do Brigadeiro, pertence à Marinha do Brasil e foi construída em 1958. A tipologia é semelhante às casas da Aeronáutica.



Figura 28: Edif. Brig. Eduardo Gomes. Fonte: Stela Barthel, 2024.



A



B

Figura 29: A. Casa nº. 2.144; e B. Casa nº. 2.198. Fonte: Stela Barthel, 2024.



A



B

Figura 30: A. Casa nº. 2.388; e B. Casa nº. 3.870. Fonte: Stela Barthel, 2024.



A



B

Figuras 31: A. Casas nº. 4.224; e B. Casa nº. 4.440. Fonte: S. Barthel, 2024.

As residências à Avenida Beira-mar, muitas no estilo *Art Déco*, que era considerado na época o que havia de mais moderno, tinham um ícone na variante *Streamline*: a Casa Navio, construída em 1946 (Figura 32). Esta variante utiliza elementos náuticos, como escotilhas, guarda-corpos em metal, torres e mastros, formas arredondadas (Barthel, 2015). O proprietário era Ademar da Costa Carvalho, empresário, dono de alguns edifícios comerciais na Avenida Guararapes. O projeto foi feito pelo arquiteto carioca Antiocho Hugo de Azevedo Marques (Afonso, 2020) e a pedido do proprietário, foi feita uma réplica do transatlântico Queen Elizabeth, em escala menor, com três pavimentos (Melo; Carvalho, 2010). Era um dos pontos turísticos mais visitados da praia de Boa Viagem. Foi demolida em 1981, para dar lugar ao Edifício Vânia, nº. 4.000, quando ainda não existia a Lei dos IEPs.



Figura 32: Casa Navio. Fonte: www.pinterest.ca/pin, s/d.

O processo de verticalização do bairro teve início ainda nos anos 50, com empreendimentos como o Edifício Califórnia de 1953, o Hotel Boa Viagem de 1954, o Edifício Holiday de 1956 e o Edifício Acaiaca de 1957, todos no estilo Modernista e verdadeiros marcos do bairro. Na maioria das vezes, os proprietários trocavam o terreno por um ou mais apartamentos nos novos empreendimentos residenciais. O Edifício Califórnia, Imóvel de número 110 na lista dos IEPs, foi projetado pelo arquiteto carioca e professor da Faculdade de Arquitetura da UFPE, Acácio Gil Borsoi, no estilo Modernista (Figura 33). É um edifício misto, com dois volumes, um deles horizontal, ao nível da rua, destinado a comércio e serviços e onde havia um teatro, que nunca foi usado; o outro, vertical, com colunas, para as residências (Valadares; Bachmann, 2022). Tem uma área vazada e uma cobertura. O edifício emprega tijolos e pequenas pedras e panos de vidro nas fachadas frontal e laterais e na fachada posterior, voltada para o Oeste, uma empena cega para fazer frente à incidência solar. Tem dezenove pavimentos, sendo quinze de uso residencial e três de uso misto e um pavimento vazado. São duzentos e vinte cinco apartamentos do tipo quitinete. Localiza-se na Rua Arthur Muniz, 82, na área do Segundo Jardim. O projeto original previa setenta apartamentos, variando entre um e três quartos, mas foi alterado. No cartão postal dos anos 70 (Figura 34A), vê-se a praia, o casario formado por residências de dois pavimentos em sua maioria e o edifício ao fundo e nas duas fotos seguintes (Figura 34B e 35), a modificação da paisagem, com o edifício atualmente e a vista do Segundo Jardim.



Figura 33: Edif. Califórnia e casario. Fonte: Cartão Postal.



A



B

Figuras 34: A. Edifício Califórnia; e B. Avenida Boa Viagem 2º. Jardim. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O Hotel Boa Viagem figurava em vários cartões postais. Quando foi construído em 1954 pertencia ao Sr. Arthur Orlando de Andrade Bezerra (AASB, 2010), tomando o número 4.982, mudando o mesmo para 5.000 em 1960. Tinha cem apartamentos de luxo, com varandas e vista para o mar e oito pavimentos. Foi demolido entre 2006 e 2007, para dar lugar a dois edifícios, com apartamentos de alto padrão: Edifício Maria Ângela Lucena, número 4.988 e Edifício Luís Dias Lins (nome do último proprietário do hotel e de vários terrenos em volta), número 5.030.

No cartão postal dos anos 70 vê-se o Hotel, a Praça de Boa Viagem, o casario, alguns edifícios de pequeno e médio porte e coqueirais (Figura 35). Nas fotos seguintes, vê-se a Avenida Boa

Viagem, onde ficava o Hotel, com os dois novos edifícios que ocuparam o seu lugar e a modificação da paisagem (Figuras 36 A e B).



Figura 35: Hotel Boa Viagem. Fonte: Cartão Postal, s/d.



A



B

Figuras 36: A. Edif. Luís Dias Lins e; B. Edif. M. A. Lucena. Fonte: S. Barthel, 2024.

O Edifício Holiday foi projetado pelo engenheiro Joaquim Rodrigues em 1956, em formato de meia-lua (Figura 37A). Na foto dos anos 60, vê-se o edifício ainda cercado por casas e outros edifícios de pequeno e médio portes. Tem dezessete andares e quatrocentos e setenta e seis apartamentos (Figura 37B). Os pavimentos-tipo têm vinte e oito apartamentos de um quarto e nas extremidades, dois apartamentos de dois quartos. É de tijolos e concreto armado (Figura 38A) e usa cobogós na fachada posterior. Três elevadores e o vão da escada se localizam no volume arredondado, que saca, na fachada posterior (Figura 38 B). No térreo há dezessete lojas

e boxes para comércio (DP, 2024). Por causa de riscos estruturais, o edifício foi evacuado em 2019 e continua abandonado. Seu estado de conservação é precário, com pichações e atos de vandalismo, que retiraram janelas, portas, luminárias e louça sanitária. Localiza-se na Rua Salgueiro, número 73. Várias ações já foram movidas pelos proprietários, sem resultados até agora. O edifício pode ir a leilão para indenizar os moradores.



Figura 37: A. Holiday. Fonte: Recife de Antigamente; B. Holiday. Fonte: S. Barthel, 2024.



Figura 38: A. Edifício Holiday, fachadas frontais; e B. posterior. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O Edifício Acaiaca foi projetado em 1957 pelo arquiteto português Delfim Amorim, professor da Faculdade de Arquitetura da UFPE, no estilo Modernista (IAB-PE, 1991). É um edifício multifamiliar, com uma fachada larga, voltada para o mar, com azulejos brancos e azuis nas fachadas frontal e laterais (Figuras 39A e B) e no terraço, desenhados pelo próprio arquiteto e confeccionados por outro português, o artista plástico Luís Domingues e o uso de pilotis, cobogós, *brise-soleil* na fachada posterior e panos de vidro na fachada frontal, além dos peitoris ventilados (Figura 39 C), recursos para enfrentar o calor da cidade. São quatro apartamentos por andar e os da extremidade têm três quartos, os do centro têm dois. Os jardins se assemelham aqueles projetados por Burle Marx, mas não há comprovação da autoria (Pires, 2021). É o Imóvel

de número 111 na lista dos IEPs. Localiza-se na Avenida Boa Viagem, número 3.232. A Figura 40 mostra o edifício e a área da praia onde ele se localiza, ao lado de outros edifícios.



Figura 39: A. Edif. Acaiaca, fachada frontal; B. lateral; e C. peitoril ventilado. Fonte: S. Barthel, 2024.



Figura 40: Edif. Acaiaca na Avenida Boa Viagem. Fonte: S. Barthel, 2024.

Na década de 1970 uma verdadeira barreira de altos edifícios ocupou a beira-mar de Boa Viagem, a Rua dos Navegantes e as paralelas a estas, as Avenidas Conselheiro Aguiar e Domingos Ferreira, num crescimento desordenado de quase 50% em relação à década de 1960, quando cresceram também os preços dos terrenos (Barthel, 1989). Morar na praia era sinal de status. Ao mesmo tempo, Pina e Brasília Teimosa viam as invasões acontecerem diariamente. Boa

Viagem teve o comércio intensificado e passou a ser autossuficiente em relação à cidade. Grandes lojas abriram filiais no bairro. Um momento de grande transformação para o bairro se deu em 1980, com a implantação do Shopping Center Recife (Figura 41 e Figura 42), que se instalou em área da antiga favela do Mata-sete. O que sobrou dela hoje é a comunidade do Entra-a-pulso, ao lado. As vias foram modificadas, novos empreendimentos surgiram em volta, como grandes edifícios empresariais e residenciais (Figuras 43 A e B). A implantação deste equipamento parece ter sido responsável pelo declínio do comércio na área central da cidade.



Figura 41: Shopping Center Recife. Foto de Cláudia Moema Alves. Fonte: Barthel, 1989: 53.



Figura 42: Shopping Center Recife. Fonte: Stela Barthel, 2024.



A



B

Figuras 43: A e B. Entorno do Shopping Center Recife. Fonte: Stela Barthel, 2024.

Boa Viagem é hoje em dia o bairro mais verticalizado da cidade do Recife, o segundo metro quadrado mais caro e ainda o mais populoso, segundo dados da Prefeitura do Recife. As antigas casas de veraneio se foram, junto com os coqueirais, assim como os edifícios de pequeno e médio portes, de variados estilos arquitetônicos, cedendo lugar aos altos edifícios principalmente nas quadras próximas à praia (Figura 44A e B). Toda a paisagem foi refeita, após ser aprovada a Lei de Uso e Ocupação do Solo-Luos (1996).



A



B

Figura 44: A e B. Avenida Boa Viagem. Fonte: Stela Barthel, 2024.

O bairro de Brasília Teimosa

O bairro hoje é conhecido pelos movimentos sociais, pelas invasões e pela luta dos moradores para conseguirem melhorias e permanência, mas também por filmes, como Avenida Brasília

Formosa, do cineasta pernambucano Gabriel Mascaro, de 2010 e por Aquarius, do cineasta Kleber Mendonça Filho, já citado.

Em 1934 foi aterrada uma área que daria início a Brasília Teimosa. Os primeiros habitantes chegaram em 1937 (Sehab/Diplan/URB/CEEAE, 1988) e a Colônia de Pesca Z1 se transferiu para lá, com os pescadores construindo barracos de madeira. Inicialmente estava destinada às obras de expansão do Porto, para a implantação de um parque de inflamáveis. Era chamada de Areal Novo. Depois se pensou em um aeroporto nos moldes do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, mas logo se descobriu que a área era insuficiente para isto. O aeroporto foi implantado no bairro do Ibura, entre os anos de 1935 a 1936. Na época da Segunda Guerra Mundial, era conhecido como Ibura Field, nome dado pelos americanos. Os edifícios ainda existem, dentro da Base Aérea da Aeronáutica.

Após a seca de 1958, durante o Carnaval, um grande contingente de pessoas invadiu o Areal Novo. Com os órgãos do estado fechados, a invasão foi facilitada. No mês de maio já eram 2.000 mocambos. Os pescadores da Colônia Z1 tentaram expulsar os novos moradores. Todos os dias os barracos eram destruídos e montados novamente. O nome Brasília Teimosa foi uma homenagem à nova capital do país que estava sendo construída pelo Presidente Juscelino Kubitschek. O conflito foi resolvido com a área da Colônia de Pesca demarcada e os novos moradores se instalaram em outra área (Fortin, 1987).

Em 1978 o late Clube do Recife, cuja sede era no bairro da Torre, se transferiu para o pontal do bairro. A urbanização do local teve início em 1979 com a chegada do transporte urbano e a instalação de unidades educacionais e de saúde. Houve uma grande intervenção em 1982 com o Projeto Teimosinho, quando a população que residia nas palafitas foi retirada e levada para a Vila da Prata, dentro do próprio bairro. A área ficou vazia e foi de novo invadida. Houve tentativas de remoção nos anos de 1986 e 1989.

Em 2000 instalou-se o Parque das Esculturas Francisco Brennand, que pode ser acessado por barco partindo-se do Bairro do Recife ou de carro, através da Avenida Brasília Teimosa até o início do dique natural. Pode-se também ir a pé, de bicicleta ou de motocicleta.

Em 2003 as palafitas foram retiradas definitivamente e começou a construção da Avenida Brasília Teimosa, que modificou toda a área (Figura 45). Foi construído o Conjunto Habitacional Brasília Teimosa em 2006, onde vivem 240 famílias (Bessa, 2010).



Figura 45: Beira-mar de Brasília Teimosa. Foto de Cláudia Moema Alves. Fonte: Barthel, 1989, p. 63.

A Avenida Brasília Teimosa atravessa o bairro e chega até as proximidades do Parque de Esculturas Francisco Brennand. Houve obras de contenção do mar e aterro hidráulico. Três praças foram requalificadas assim como dez quiosques. A área apresenta pequenos edifícios de dois a três pavimentos, comércio, bares e restaurantes (Figura 46A e B; Figura 47). Há quadras de esportes e ciclovia.



A



B

Figura 46: A e B. Beira-mar de Brasília Teimosa. Fonte: Stela Barthel, 2024.



Figura 47: Beira-mar de Brasília Teimosa. Fonte: Dicas de Pernambuco, s/d.

Brasília Teimosa foi uma Zona Especial de Interesse Social-ZEIS, mas hoje o bairro não atende aos requisitos para que continue neste patamar. As ZEIS são assentamentos habitacionais de população de baixa renda. Podem ter surgido espontaneamente, existentes, consolidadas ou propostas pelo Poder Público, passíveis de urbanização e regulamentação fundiária (Fonseca; Pastich; Silva, 2014, p. 1). São destinadas a intervenções urbanísticas, como recuperação de imóveis e áreas degradadas e implantação de serviços e comércio. Incorporam uma parte da cidade que é invisível, clandestina, à cidade legal. Desde o início do bairro, ele se apresentava

com algumas particularidades: a luta pela permanência dos habitantes, o espaço privilegiado à beira-mar e as tentativas de remoção da população pelas demandas do mercado imobiliário. Este já abocanhou pequenas fatias próximas da área, que ainda fazem parte do bairro do Pina, principalmente na Avenida Antônio de Gois, com a implantação do Edifício JCPM Trade Center, empresarial com dezenove andares, inaugurado em 2006, projeto dos arquitetos Jerônimo da Cunha Lima e Viviane Mendonça (Figura 48A) e de outros empreendimentos, como o Edifício Empresarial Jopin, com dezesseis andares, de 2008, projeto do arquiteto Augusto Reynaldo (Figura 48B). Algo semelhante ocorre do outro lado da avenida.



Figura 48: A. JCPM Trade Center; e B. Empresarial Jopin. Fonte: Stela Barthel, 2024

Considerações finais

A Arqueologia considera os edifícios como artefatos, ou seja, algo que é feito pelo homem com um determinado propósito. A finalidade deles é abrigar as pessoas e as instituições. Através do estilo, do modo de construir e dos materiais empregados, o que se conhece por cultura material, eles formam o conjunto de artefatos de uma sociedade, sendo testemunhas de épocas passadas (Renfrew; Bahn, 2007 e Orser Jr., 1992). Eles têm uma história para contar. E esta história diz respeito ao pertencimento das pessoas aos lugares, como as pessoas se reconhecem, às memórias afetivas, aos marcos de localização e às alterações sofridas ao longo do tempo.

A Faixa de Praia, desde que passou a fazer parte da malha urbana da cidade do Recife, já passou por momentos de transformação, como o que se vê agora, mas a sua história não foi valorizada e segue sendo apagada. Edifícios importantes para o contexto do local foram simplesmente destruídos. Eles poderiam ter sido revitalizados, com novos usos, diferentes daqueles que eram os usos originais, poderiam ter permanecido, fazendo parte da paisagem, como testemunhas de um tempo passado. As leis que existem, municipais e estaduais, alcançam em pouca medida o pouco que ainda existe. Não há nenhum tombamento ao nível federal na área. Atualmente, são duzentos e sessenta e três IEPs, com mais nove sendo avaliados neste momento e há um requerimento em andamento para incluir os postos salva-vidas, legítimos representantes da época em que a Faixa de Praia foi um balneário. As antigas casas de veraneio do início da ocupação de Boa Viagem como um balneário praticamente já não existem. Os outros edifícios com variadas funções e estilos, de pequeno e médio portes, desapareceram, deram lugar a altos edifícios (que fazem sombra à tarde para quem está na praia) ou estão em estado precário de conservação. A questão que se impõe é proteger o que ainda resta, respeitando-se a história do lugar e a memória afetiva dos seus moradores e visitantes.

Referências

- ACERVO ARQUITETÔNICO SATURNINO DE BRITO- AASB. 2010. Recife: Ceci/Compesa/Liau/Petrobras.
- AFONSO, A. 2020. Hugo Marques em Campina Grande- casa José Felinto. Disponível em: <https://grupodepesquisaarquitecturaelugar.blogspot.com/2020/07/hugo-marques-em-campina-grande-casa.html> Acesso em: 19 dez. 2024.
- ALVES, P. R. M. 2009. Valores do Recife: o valor do solo na evolução da cidade. Recife: Luci Artes Gráficas LTDA.
- AMORIM, L. 2007. Obituário Arquitetônico: Pernambuco Modernista. Recife: Edição do Autor.
- ARAÚJO, R. C. B. 2007. As praias e os dias: História social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.
- BARTHEL, S. G. A. 1989. Sociedade de classes, espaço urbano diversificado: a Faixa de Praia da Cidade do Recife. Dissertação, Recife, UFPE.
- BARTHEL, S. G. A. 2015. Vestígios do Art Déco na cidade do Recife (1919-1961): abordagem arqueológica de um estilo arquitetônico. Tese. Recife, UFPE.
- BESSA, Sílvia. 2010. Brasília Teimosa perdeu os casebres paupérrimos e se tornou um bairro valorizado em Recife. Diário de Pernambuco.

Boa Viagem: de área rural ao bairro mais verticalizado do Recife. Disponível em: <https://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/recifeemtransformacao> Acesso em: 20 jun. 2024.

Cadastro de Ocupação do Município do Recife. 12ª. RPA. 1988. Recife: SEHAB/DIPLAN/URB/CEEAE.

CAMPÊLO, C. 2018. O Castelinho. Disponível em: www.retratosdorecife.blogspot.com Acesso em: 10 jun. 2024.

CARDOSO, A. 2011. A estação de Boa Viagem foi realmente demolida? Disponível em: <https://memoriaferroviariadepe.blogspot.com/2011> Acesso em: 12 jun. 2024.

CARNEIRO VILELA, J. M. 1984. A emparedada da Rua Nova. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

CARVALHO, M. R.; MOREIRA, F. D; MENEZES, J. L. M. 2010. Um Recife Saturnino: Arquitetura, Urbanismo e Saneamento. Recife: NECTAR.

Casas que ainda resistem na Avenida Boa Viagem. 2018. Diário de Pernambuco-Vida Urbana. Disponível em: www.pernambuco.com.br Acesso em: 11 jun. 2024.

CAVALCANTI, C. B. 2013. O Recife e seus bairros. 6ª. ed. Camaragibe: CCS Gráfica e Editora.

COSTA, V. 1971. Alguns aspectos históricos e médicos do Recife. Recife: UFPE.

Decreto 17.563 de 8 de setembro de 1994: Igreja Matriz da Paróquia de Boa Viagem, obelisco e casa número 16. Recife: FUNDARPE.

DUARTE, A. T. S. 1979. As relações espaço-temporais no processo de estruturação da paisagem urbana recifense- Estudo de caso: o bairro de Boa Viagem. Dissertação. Recife: UFPE/MDU.

Edifício Holiday vai a leilão nesta quarta (22); prédio foi avaliado em mais de R\$ 34 milhões. 2024. Disponível em: www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana Acesso em: 25 jun. 2024.

FONSECA, T. C.; PASTICH, E. A.; SILVA, H. K. P. 2014. Zonas Especiais de Interesse Social e Meio Ambiente: o caso de Brasília Teimosa. V. Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. Belo Horizonte-MG. p. 1-6.

FORTIN, C. J. 1987. The politics of public land in Recife- Brazil: the case of Brasilia Teimosa-1934-1984. PhD. Thesis. Sussex, University of Sussex.

FREYRE, Gilberto. 1961. Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. 3ª. ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

GUIONE, Roberto. 2016. Patrimônio além da arquitetura: o Edifício Caiçara, os movimentos sociais e o direito à cidade. Vitruvius- Minha Cidade, ano 17. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/17.195/6256> Acesso em: 15 jun. 2024.

História do antigo Aeroclube de Pernambuco, que se localizava no Pina. Vídeo. Disponível no

Youtube. Acesso: 20 jun. 2024.

IAB-PE. 1991. Delfim Amorim Arquiteto. 2ª. ed. Recife: Gráfica Editora Apipucos.

Jornal Zona Sul. 1974. Memórias de um Pinense. Recife, p. 12.

JUCÁ, G. N. M. 1979. A implantação dos serviços urbanos no Recife: o caso da Companhia do Beberibe (1938-1912). Dissertação. Recife, UFPE.

Lei nº. 16.176/1996. Lei do Uso e Ocupação do Solo-LUOS. Recife: Prefeitura do Recife.

Lei nº. 16.284/1997. Imóveis Especiais de Preservação-IEPs. Recife: Prefeitura do Recife.

LISPECTOR, C. 1984. A Descoberta do mundo. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, p. 249-251.

MELO, V. L. J. C. de; CARVALHO, E. S. 2010. O homem da Casa-Navio: Ademar da Costa Carvalho-história de uma época. Recife: Edição das Autoras.

ORSER JR. C. E. 1992. Introdução à Arqueologia Histórica. Rio de Janeiro: Oficina de livros.

PEREIRA, Oswaldo. 2008. Histórias do Pina. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

PIRES, M. L. 2021. Prédios do Recife. Recife: Edição da Autora.

PORTARIA DIRAD nº. 296/AP2-1, de 12 de julho de 2023.

Recife dá início à reforma que vai transformar orla em parque linear. 28/09/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco> Acesso em: 20 jun. 2024.

RENFREW, C; BANH, P. 1993. Arqueología: teoria, métodos y práctica. Madrid: Ed. Akal.

REQUERIMENTO nº. 6.204 de 29 de maio de 2023. Recife: Câmara Municipal do Recife, Gabinete da Vereadora Cida Pedrosa.

SANTOS, R. Olhar paredes, ver vivências. 2015. Revista de Arqueologia Pública. Campinas-SP, v. 9, nº.1 (11) p. 60-72.

VALADARES, P.H.C; BACHMANN, I. M. B. B. 2022. Um descaminho estético: a arquitetura dos edifícios multifamiliares no Recife contemporâneo. Architecton-Revista de Arquitetura e Urbanismo, 7ª. ed. vol. 11, p. 95-107.